

# BRASIL-PORTUGAL

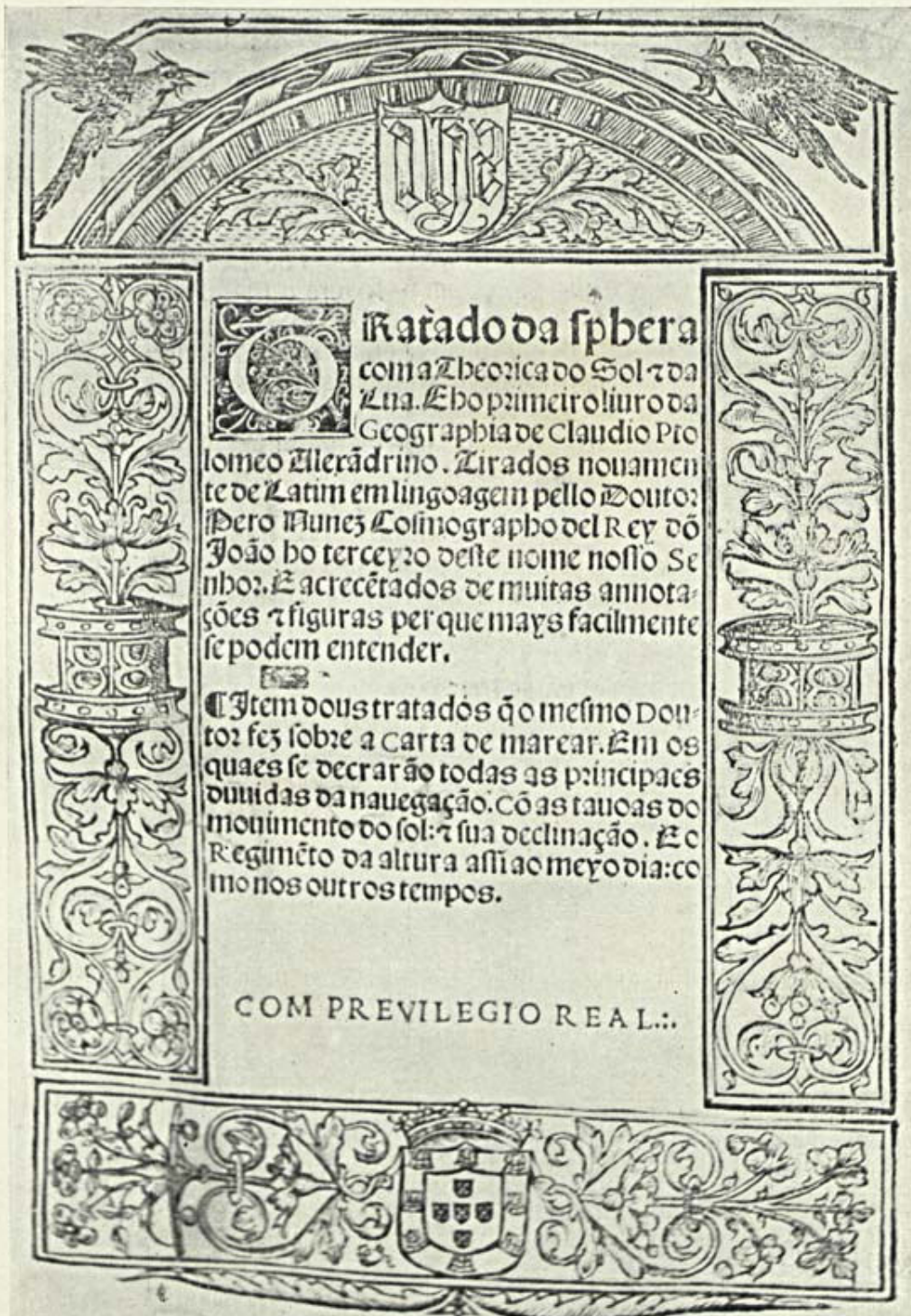
FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes.  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHIEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JANEIRO DE 1914

N.º 359

## Assumptos historicos



Frontispicio do Tratado de Esphera, de Pedro Nunes, o celebre livro em que tanto se tem fallado ultimamente

(Phot. de ...)



## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de janeiro de 1914

### POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

XL

#### Entrevista com o 1914

**J**uizo do anno! Uma velharia... Coisas do tempo em que o reverendo *Borda d'Agua* dava leis ao mundo, e não o mundo ao reverendo *Borda d'Agua!*...

Hoje quem domina é a entrevista.

Resolvemos por isso ouvir o 1914 antes d'elle sahir da casca para o seu governo de 365 dias.

Chegámos e fomos immediatamente recebidos, gentileza que muito nos captivou.

— Então como passou, passou bem? — disse-nos logo muito desembaraçado o Anno Novo.

— Vamos indo, excellentissimo menino, vamos indo.

— Deseja então entrevistar-me?

— Realmente, se quizesse ter a gentileza de se prestar...

— Ora essa, com muito gosto.

— Vejo que vae ser um Anno muito amavel.

O 1914 sorriu ironicamente e retorquiu:

— Será bom não avançar já tanto nos seus juizos. O que se-rei?! Sabe-se lá nunca o que vamos ser!...

— Tenciona continuar como o seu papá?

— Sobre que ponto de vista?

— Sobre todos em geral e em especial sobre politica.

— Politica! Ah! meu caro amigo, ignora então que sou filho d'um Anno Democratico?

— De forma alguma. Sei muito bem que o sr. cidadão seu papá logo que nasceu filiou-se no Centro de S. Domingos e no mesmo Centro acabou os seus dias. N'esse ponto foi muito mais constante do que o seu avô...

— E muito mais ainda do que o meu illustre bisavô 1910, não é verdade? Esse é que foi um grande maganão! Mas deixemos os mortos que são o passado e tratemos dos vivos que são o futuro.

— Tenciona então seguir a politica do 1913?

O 1914 tornou a sorrir-se, mas d'esta vez d'uma forma enigmatica.

— E se fallassemos d'outra coisa? — propóz o pequerrucho sem responder á nossa pergunta.

— Mas — tornámos — a politica é justamente a coisa que mais interessa aos mortaes. E' mesmo a unica coisa, em Portugal, que consegue espertar o somno geral...

— Justamente por isso é que eu não devo pronunciar-me sobre o que tenciono fazer politicamente.

— Nem ao menos... vagamente? Umas ligeiras referencias d'onde fosse possivel tirar qualquer pequena conclusão?

— Olhe, quando muito uma historia, serve-lhe?

— Uma historia?! Uma historia...

— Uma pequenina historia que ouvi contar a um avô meu.

— Pois venha a historia.

— Era uma vez um burro, que o dono carregava todos os dias com grandes cargas. O burro, ajujado com o pezo, lá ia caminhando, pacificamente, sem escoucinar. Mas cada vez as cargas eram mais pezadas e o burro então vendo outros companheiros mais bem tratados, começou a invejar-os.

— Porque diabo não hei-de eu tambem ter sorte igual? — resmungou um bello dia o jumento.

Os companheiros que o ouviram, disseram-lhe:

— Porque não queres. Quando o teu dono estiver em cima de ti com a carga atira-o ao chão e verás que o outro que vier já não te carrega tanto. Foi o que nós fizemos.

O burro ficou a pensar no caso e um bello dia, pôz em pratica o conselho.

— E depois, perguntamos nós interessados pela sorte do jumentinho.

— Depois veiu um outro dono tomar conta do burro, mas para

que elle lhe não pudesse fazer o mesmo que tinha feito ao seu antecessor, carregou-o de forma que nem se podia mexer.

— Pobre burro! comentamos commovidos. E assim morreu?

— Não me lembro já bem, mas tenho ideia que o meu avô me disse que um dia o novo dono tanto carregou o animalsinho, que a cilha estoirou e a carga foi cahir toda em cima d'elle esborrachando-o...

— Muito interessante a sua historia, excellentissimo 1914. mas... mas o que eu desejava era a sua opinião sobre aquillo que lhe disse á bocadinho.

— Olhe meu caro amigo —olveu-nos o Anno Novo estendendo a mão para dar por finda a entrevista. Como creança que sou, gosto muito de historias e só de historias percebo ainda. Esta do burro é das que mais impressão me tem feito e na que mais tenho pensado... desde que senti aproximar-se o dia de entrar no exercicio das minhas funcções.

E sem nos dar tempo para mais conversas, concluiu gaiatamente:

— Agora adeusinho, até á vista, seu indiscreto.

Que grande bregeiro que promette ser o pequeno...

CRISPIM.

## O NATAL

Bairro elegante e que miseria!  
Rôto e faminto á luz sideria  
O pequenito adormeceu...

Morto de frio e de cansaço  
as mãos no seio, erguido o braço  
sobre os jornaes que não vendeu...

A noite é fria: a geada cresta;  
em cada lar signaes de festa,  
e o pobresinho não tem lar!

Todas as portas já cerradas...  
ó almas puras, bem formadas,  
vêde as estrellas a chorar!

Morto de frio e de cansaço  
as mãos no seio, erguido o braço  
sobre os jornaes que não vendeu...

Em plena rua — que miseria!  
Rôto e faminto á luz sideria  
O pequenito adormeceu...

Em torno d'elle, oh! dôr sagrada!  
ao vêr um circulo sem geada  
na sua morna exhalação,

pensei se o frio descaravel  
do pequenito miseravel  
teria magua e compaixão!

Sonha talvez, pobre innocente,  
ao frio, á neve, ao luar mordente  
com o presepio de Belem...

Do céu azul, ás horas mortas  
Nossa Senhora abriu-lhe as portas  
e aos orphãosinhos sem ninguem...

E todo o céu se lhe apresenta  
n'uma grande arvore que ostenta  
coisas d'um vivido esplendor,

Onde Jesus, o Deus-menino,  
ao som de um cantico divino  
colhe as estrellas do Senhor...

E o pequenito, extasiado,  
n'aquelle sonho illuminado  
de tantas coisas immortaes,

No céu azul, pobre creança!  
pensa talvez, cheio d'esperança,  
vender melhor os seus jornaes...

ANTONIO FEIJÓ.



## S. Pedro de Alcantara

## Egrejas de Lisboa

**O**s que hoje passam por S. Pedro de Alcantara, olhando para o conventiculo de outr'ora, transformado de ha já bastant-  
tantes annos em recolhimento de meninas orphãs, a cargo  
da Misericordia de Lisboa, estão longe de suppôr o altis-  
simo e patriótico significado d'aquelle despretençioso monumento.

Está alli, passando desapercibido á geração de agora, um pa-  
drão de levantado patriotismo, destinado a perpetuar o valor dos  
soldados portuguezes, que devotadamente se bateram em defeza da  
Patria, nas pugnas da independencia.

Voltando triumphante dos campos das batalhas de Elvas e de  
Montes Claros, em agradecimento ao Ceo e á Virgem Santissima, o  
primeiro Marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, erigiu  
aquelle pequeno templo que confiou aos Religiosos Arrabidos, re-  
memorando, atravez os seculos, esses heroicos feitos das pugnas  
da independencia, nas quaes se sacrificaram pela Patria victimas  
tão gloriosas, e tambem se affirmou a corajosa valentia dos mais  
distinctos nobres portuguezes. Foi por occasião d'esta gloriosa  
acção de Montes Claros que o insignissimo e heroico fidalgo Conde  
de Cantanhede, 1.º Marquez de Marialva, do Conselho de Estado,  
Vedor da Fazenda, Governador das Armas de Lisboa, Setubal e  
Cascaes e toda a Extremadura, Capitão General da Provincia do  
Alemtejo, que mereceu o famoso e honrosissimo titulo de *Liberta-  
dor da Patria*, pelo devoto affecto que consagrava a S. Pedro de  
Alcantara, fez voto de erigir em honra de Maria Immaculada e  
d'este Santo, um convento, assim que chegasse á capital.

Em 1672, adquiriu um pequeno Hospicio ao pé da Rua das  
Flores, nas proximidade do seu palacio, que ficava ao Loreto, como  
é sabido. Ahi se celebraram as Endoenças desse anno; mas reconhe-  
cendo o pouco conforto e a tacahez da fabrica, se transferiu para  
o sitio, onde ainda hoje se vê, apropriando-se umas casas que li-  
beralmente offertou Marcos Rodrigues Tinoco, Secretario da Meza  
da Consciencia, que assim se quiz associar a tão patriótico intento.

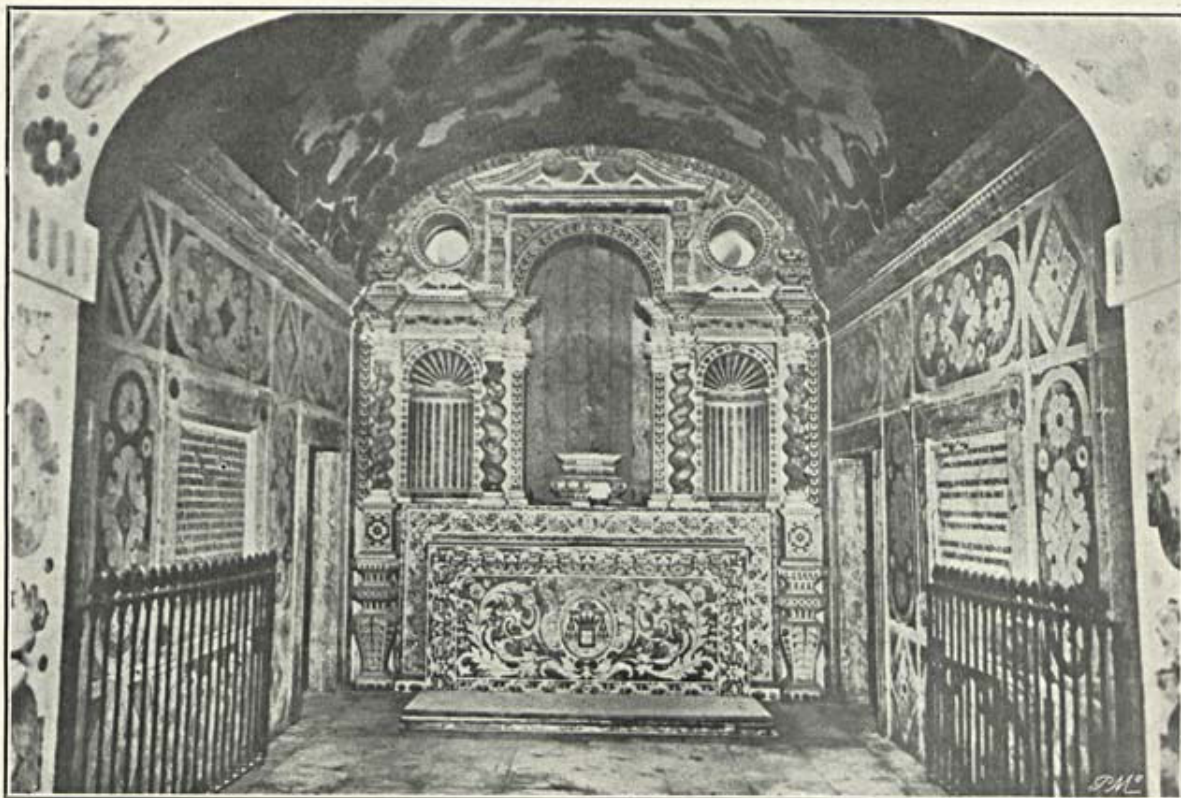
Como ainda fosse exiguo o terreno, adquiriu o Marquez, por  
sua conta, umas casas dos Condes de Avintes. Em umas e outras  
se fabricou o Convento, tendo vinte cellas, e no meio uma Igreja  
com tres altares, sufficiente para se celebrarem os officios divinos.

Alli foi enterrado como constava do livro dos obitos do Con-  
vento, citado por Fr. Claudio da Conceição, o coração e os intes-  
tinos do heroico Marquez, na capella-mór, propriedade sua. O co-

### S. PEDRO D'ALCANTARA



*Capella-mór e altares lateraes da igreja do extincto Convento  
e hoje Recolhimento de S. Pedro d'Alcantara*



*S. Pedro de Alcantara — Capella e mosaico fundado pelo Cardeal D. Verissimo de Lencastre*

*(Phot. de A. C. Lima)*



ração foi, como é notório, trasladado para S. Vicente, junto ao mausoléo de D. João IV, onde se gravou esta inscrição

HIC, UBI LUSIADUM JACET INSTAURATOR IN URNA  
PICNUS HABET POSITUM COR MARIALVA SUUM  
CORDE SUUM SEQUICTUR REGEM MARIALVA SEPULTUM  
UT VITAM CREDAS, NON PERIISSE FIDEM

Pois parte dos restos mortaes do heroe de Elvas e Montes Claros, na sepultura da Marqueza sua mulher e dos seus descendentes, lá jazem hoje ao abandono...

Mas vamos adiante...

No adro d'este templo, fronteiro á portaria, fez o venerando Cardeal Dom Fr. Verissimo de Alencastre construir uma capella em honra dos Santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, em cuja freguezia nascera e fora baptisado.

Dotou-a de largos haveres, estabeleceu a renda por quatro Capellães Clerigos Seculares, commettendo a posse e administração aos seus descendentes, que hoje é ao presente, o sr. Marquez de Abrantes, Conde de Villa Nova de Portimão, D. João de Lencastre e Tavora.

E' de precioso mosaico o altar e o entalhamento da capella, escura, pequena, mas opulenta na sua simplicidade. Devia pertence á Ex.<sup>ma</sup> casa de Abrantes, que, segundo parece, deixou lamentavelmente perder a posse.

Esta Igreja e Convento padeceram grande ruina pelo terremoto de 1755, que destruiu a primitiva fundação quasi totalmente, salvando se apenas o claustro, refeitório, casa *De Profundis* e cozinha, estando muito tempo a servir de Igreja um barracão.

A casa de Marialva, e varios devotos offerteram valiosos donativos, e os padres arrabidos conseguiram reedificar o seu Convento e a Igreja. Era esta clara, relativamente espaçosa e elegante. No altar-mór via-se a imagem da Senhora da Conceição, e no lado do Evangelho ficava a Capella onde se venerava a imagem de S. Pedro de Alcantara, interessante e valiosa esculptura. Tinha uma capella reservada com cancellas douradas, para o Santissimo Sacramento.

Do lado da Epistola fica outra capella, com retabulo de talha,

O orgão que tinha um côro especial, cuja bacia de talha nos mostra a photographia, foi, depois da extinção das ordens religiosas, mudado para a Igreja de S. Roque, ficando apenas em S. Pedro de Alcantara um harmonium que as educandas tocavam nas solemnidades religiosas.

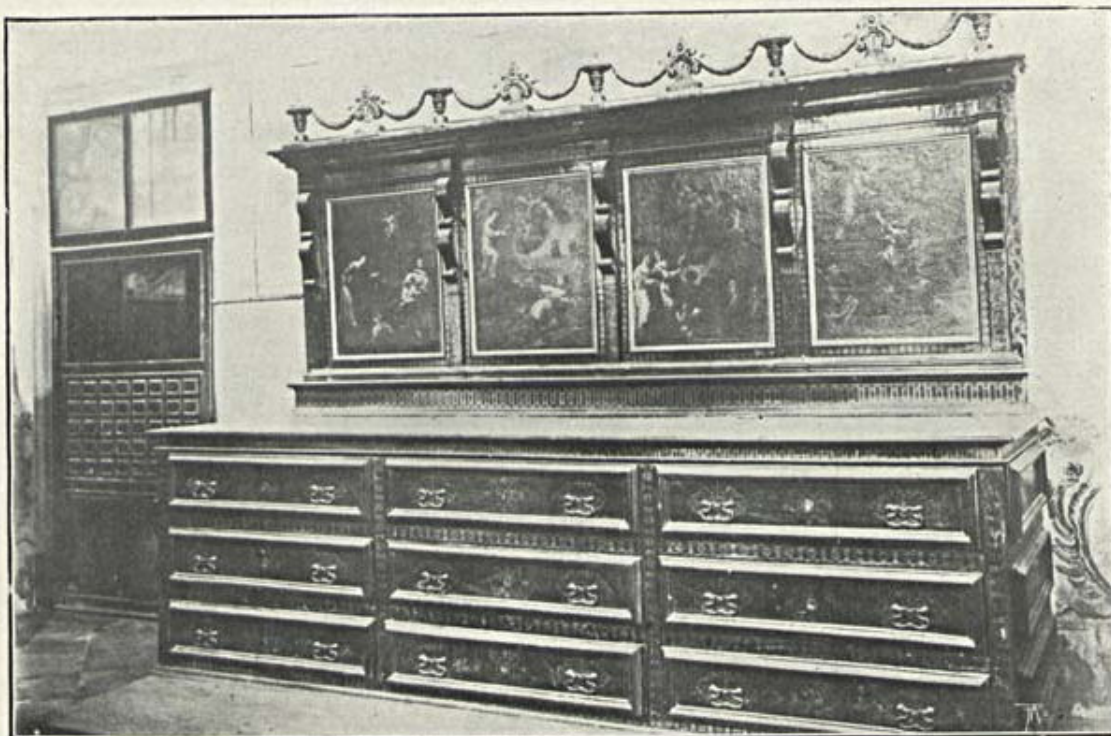
Agora entendeu-se que tudo isso devia acabar; a Igreja está profanada; as Imagens foram retiradas; só ali está, o que não

pode deixar de estar; os altares, os restabulos, e um quadro da Vargem, de incontestavel merecimento.

Da mesma maneira ficou abandonada a sepultura do Cardeal



S. Pedro de Alcantara — Bacia do orgão e quadro da Virgem. Entre os azulejos vêem-se os antigos confessionarios dos frades



S. Pedro de Alcantara — Sacristia, arca e quadros

(Phot. de A. C. Lima)



Verissimo de Lencastre e assim esquecido quem tanto mereceu do seu paiz, e desrespeitadas as suas derradeiras vontades.

Porque, fiquem os leitores sabendo, o Cardeal Verissimo de Lencastre foi alguem n'esta terra.

Do Conselho de Estado, Bispo de Lamego e Arcebispo de Braga, Cardeal da Santa Igreja, foi Varão de excellentes virtudes, casto, sabio, douto, prudente e benigno. Investigador paciente, applicava-se ao estudo com tal assuidade, que, já na juventude, se levantava de madrugada para estudar na sua copiosa livraria, entregando-se aos estudos de Direito Canonico e de heraldica.

Foi inquisidor mór, e durante o periodo da sua gerencia este tribunal foi benigno, excluindo as severidades destoantes da benigna caridade que deve inspirar as sentenças d'um Tribunal Ecclesiastico, o que só não succedeu quando a inquisição foi instrumento do poder civil e esteve subservientemente ás ordens do mesmo poder.

Quando viu concluido o seu jazigo, o humilde cardeal entrou para contemplar a sua derradeira morada e exclamou para os religiosos *Haec requies mea in saeculum saeculi: hic habitabo quoniam elegian.*

«Eis aqui, o lugar destinado para descansar por todos os seculos; aqui habitarei já que o elegi».

O povo de Lisboa, quando teve conhecimento da morte do seu bemfeitor, correu presuroso ao palacio e o seu funeral foi uma verdadeira apothese, acompanhando-o a S. Pedro de Alcantara.

Extinctas as Ordens religiosas, dispersos os Arrabidos, dos quaes o ultimo sobrevivente d'aquelle convento foi o Fr. Ladislau de Santa Dorothea Ferrari, irmão do famoso conserveiro Mathias Ferrari, cujo estabelecimento ainda agora existe na Rua Nova do Almada, desapareceu aquella casa religiosa.

Foi o convento adaptado a recolhimento educativo a cargo da Santa Casa de Misericordia de Lisboa, applicação a que actualmente se destina, sem que ninguem mais cuidasse de dar cumprimento ás disposições testamentarias do piedoso Cardeal.

Ninguem...

Magnificos azulejos revestiam as paredes do templo e, á entrada, no portão da escadaria que conduz ao adro, está um magnifico quadro de azulejo do seculo XVIII, representando a impressão das Chagas de S. Francisco em Mont'Alverne.

Exornando o frontão do templo via-se ainda ha pouco uma imagem da Virgem, que não seria por certo nenhuma obra de recommendavel merecimento mas que era, sem duvida, de muito maior gosto artistico do que um semsaborão vaso funerario que collocaram no nicho, onde os mais rudimentares principios da arte e as mais ligeiras noções do bom gosto aconselhariam a collocar uma imagem.

Mas a furia iconoclasta vae até estes attentados ao que ha de mais elementar na esthetica.

Na sachristia estavam outr'ora uns retratos de varios frades arrabidos que se tinham distinguido pela sciencia, serviços e virtudes. Eram quasi todos trabalhos de pinturas do fim do seculo XVIII, que se não recommendavam senão pelas recordações historicas que avivavam.

Ignoramos se ainda por lá se conservam, ou se foram retirados e para onde.

Temos uma vaga idéa do arcaz da sachristia de boa madeira e boas ferragens do mesmo tempo, bem como do armario onde estavam outr'ora os amictos e sanguineos dos frades, que era elegante e de interesse.

Varias solemidades ahí se faziam outr'ora, attrahindo as vozes das educandas grande concurso de fieis ao templo; julgavamos que nada havia a perder antes tudo a lucrar, com essa aprendizagem de musica sacra, mas naturalmente estavamos em erro, do qual comtudo não nos penitenciamos.

SANTOS FARINHA.

# Cardeal Rampolla

COM a morte do Eminentissimo Cardeal Marianno Rampolla del Tindaro desapareceu uma das figuras de maior relevo e de maior interesse da Igreja, que deixou o seu nome vinculado gloriosamente á historia contemporanea do catholicismo.

No douto purpurado, recentemente fallecido, mais uma vez se

## Cardeal Marianno Rampolla

(† em 17 de Dezembro de 1913)



M. Card. Rampolla  
12 - 11 - 1912

comprovou que as circumstancias do tempo, quando se apresentam momentosas e dificeis, apparelham e patenteiam a grandeza de assignalados merecimentos, que então scintillam com todo o seu fulgor.

Talvez em outra epocha, o venerando Cardeal, que foi o infatigavel secretario de Leão XIII, não tivesse tido ensejo de paten-tear a toda a luz a pujança collossal das suas extraordinarias facultades; quiz Deus, porém, associa-lo a esse pontificado insignissimo do immortal Pontifice que poude dar o seu nome ao seculo em que viveu.

Nasceu Rampolla em Polizzi, no dia 17 d'Agosto de 1843, cursando o Seminario do Vaticano, o Collegio Capranico e a Academia dos Nobres. Ainda estudante, revelou as suas facultades de trabalho publicando um interessante e bem deduzido opusculo intitulado *De authenticis Romani Pontificis magisterio solemne testimonium ex monumentis liturgicis Ecclesiae universae de prompsit M. Rampola, sacerdos.* Este trabalho consciencioso e erudito foi

A opinião que uma pessoa dá sobre um livro é, frequentemente, não tanto uma prova da sua intelligencia ou do seu gosto, como da sua muita leitura. Uma obra insignificante pôde ser recebida com aprazimento por uma pessoa que não tenha tido tempo nem occasião para formar o seu gosto litterario. E' das comparações entre varias partes do mesmo livro que se pôde descobrir a profundidade e o discernimento de um espirito pouco cultivado.

ARTUR HELPS.



uma revelação dos singulares dotes intellectuaes do joven sacerdote, que teve a fortuna de merecer largos encomios á *Civitta Catholica*. Estava feita a sua reputação ao ingressar na vida diplomatica como stagiario na congregação dos negocios Ecclesiasticos extraordinarios. A sua carreira como diplomata decorreu porém em Hespanha, onde foi consultor, auditor e nuncio, sagrado Arcebispo de Heraclea. Em grande conta o tinha Leão XIII para lhe commetter a nunciatura Hespanhola, porque o Sabio Pontifice conhecia de perto, não só os melindres da situação internacional, mas as delicadezas que para o representante do Papa offerecia a situação interna de Hespanha, onde os catholicos se combatiam rudemente, separados como estavam em dois partidos distinctos — carlistas e affonistas.

Leão XIII propunha-se a realisação d'um grande plano, para a realisação do qual era preciso associar homens, não só de raro tino e superior criterio, mas que conviessem e se identificassem com os altos desígnios que visava o seu pontificado.

Leão XIII escolheu Rampolla e escolheu bem, porque Rampolla soube superar todas as difficuldades, afirmando por tal fórma o seu valor, que em curto espaço conquistou uma situação privilegiada entre o corpo diplomatico, disfructou a mais alta consideração que os governos lhe dispensaram, captou a benevolencia dos homens publicos da nação visinha, dispoz do favor da coróa, das sympathias do clero e da estima dos fieis.

E a tudo isto, que só um diplomata de rara habilidade podia conseguir, juntou o triumpho da arbitragem na questão das Ilhas Carolinas.

A recompensa não se fez esperar; em 1887, toma assento no Sacro Collegio, assignando-lhe Leão XIII o titulo presbyterial de S. Cecilia, notavel monumento de archeologia christã, ao qual Rampolla votou toda a sua dedicação, dispendendo quantias sommas na sua restauração, e escrevendo eruditas paginas, n'uma monographia interessante, ácerca da casa de Santa Martyr que os Musicos invocam como sua Padroeira.

Pouco depois Leão XIII chamava Rampolla para succeder ao Cardeal Jacobini no cargo de Secretario do Estado, associando-o ao seu glorioso pontificado.

Com a sua investidura na Secretaria do Estado coincide a benevolencia da Córte, de St. James; tornam-se amistosas as rela-

ções com a Russia; restabece-se a hierarchia episcopal na Suissa; assignalam-se os progressos do catholicismo nos Estados Unidos; aplanam-se difficuldades que entravavam a união catholica na França e amainam-se tempestades na Belgica.

E' por esse tempo que o Chili, a Argentina, o Haiti e S. Domingos, recorreram aos bons officios do Pontificado, e é em 1900 que Roma readquiriu a magestade de capital do mundo, o esplendor d'uma capital internacional, na qual se affirmava o Papado como o maior poder verdadeiramente respeitado no mundo, pois não

eram só as Christandades, em communhão com a sua fé e com a sua disciplina, que se prosternavam humildemente ante a cathedra Pontificia, eram os que professavam religião diversa, como o Imperador da Allemanha, que, com toda a magestade do seu imperial poder, se dirigiu solemne e festivamente ao Vaticano.

E se do alto da cadeira de S. Pedro Leão XIII presidia aos destinos do mundo, nimbado da luz que irradiava da sua Excelsa personalidade, a figura do seu Secretario, longe de ficar ás escuras, avulta como um collaborador tenaz, activo e consciante, e de tal forma, que da historia do Pontificado de Leão XIII, que é simultaneamente a historia da restauração da vida christã na familia e na sociedade civil, não se pôde dissociar a figura do Rampolla, nem esquecer, e muito menos relegar para plano secundario, a valiosissima cooperação do Cardeal Secretario do Estado.

E que prodigiosa era a sua actividade!

Leão XIII que mal deixava repousar os que com elle trabalhavam, reclamara frequentes vezes a presença do seu Cardeal Secretario; os diplomatas e os principes, os Cardeaes e os Prelados de todo o mundo, os governos e os politicos demandavam o seu conselho, e sobre a sua meza cahiram os mais graves assumptos politicos do ultimo quartel do seculo XIX; pois o Cardeal Rampolla ainda tinha tempo para escrever sobre os Martyrios dos Manheus, e publicar estudos archeologicos, não faltando ás obrigações inherentes ao arceprelado de S. Pedro, e apparecendo sempre nas grandes solemnidades a St.<sup>a</sup> Cecilia, sem deixar de attender quem o procurava.

Sympathico em extremo, com uma physionomia insinuante e triste, Rampolla del Tindaro tinha o ar d'um asceta, fazendo lembrar Pio IV e talvez S. Carlos Borromeu. De habitos simples, pie-

## A Santa Familia



Quadro de Julio Romano



dos e humildes, quem o surpreendesse de manhã, na meditação, ao ouvir a sua missa, julgar-se-hia na presença d'um asceta, e quem lhe fallasse uma vez ficava encantado pela sua franqueza despida de refolhos, pela sua bondade substancial e nativa, sem jámais perder o porte d'um «grande senhor», porque o era, pelo seu archifidalgo nascer.

Morre Leão XIII, e a Christandade inteira indicou-o como successor d'aquelle Grande Pontífice. . .

Era ao tempo ministro dos Estrangeiros, em França, Mr. Delcassé: antes de se iniciar o conclave, o ministro convocou os Cardeaes francezes, comparecendo todos, excepto dois, Conllié, arcebispo de Lyon, e o famoso Cardeal Perraud. Os presentes ouviram de Delcassé estas palavras: «*Le Cardinal Rampolla est le candidat de la France.* . .

Desde essa hora estava prejudicada a sua eleição: A Suprema Chefetura da Christandade não podia, nem devia, estar á mercê da politica. Deus escreve «direito por linhas tortas» diz o adagio. A Austria interpoz o seu veto; os Rampollistas persistem ainda, mas são vencidos; é eleito Pio X, ora felizmente reinante.

Então Rampolla recolhe-se ao remanso pacifico do seu arceprestado onde a morte o foi surpreender; ahi passa a existencia estudando e orando; é sempre o varão abalisado e o sacerdote piedoso; a alma crente procurando a graça do seu Deus, e o pensador profundo desafogando no tracto aturado dos livros as suas

pungentes magoas; mas tambem é sempre o esclarecido diplomata, acompanhando os successos politicos com a imparcialidade d'um desilludido, e com a escrupolosa observação d'um sociologo eminente e por isso os ultimos acontecimentos que tem convulsionado a sociedade não lhe eram estranhos, muito ao contrario, seguia-os cuidadosa e attentiosamente; não tivesse Rampolla passado o melhor da sua vida apreciando de perto e procurando resolver os momentosos problemas da politica hodierna! . . . Com esse raro conhecimento o foi encontrar, no anno passado, um medico portuguez, distincto entre os mais distinctos, que se encontrava em Roma para assistir ao Congresso de Medicina, e que depois de ter ido aos pés do Santo Padre Pio X. foi tambem recebido pelo collaborador da obra immortal de Leão XIII, tendo a surpresa de escutar o Cardeal Rampolla, que lhe mostrou rapidamente conhecer as minucias da vida politica portugueza, avaliando com superior criterio os estadistas da monarchia e os ministros da Republica, as causas e os efeitos da revolução de 5 de Outubro, a situação de Portugal perante as nações europeias, e por fim, como que rematando a sua apreciação sobre o estado actual da sociedade portugueza, terminou dizendo — «E esta situação manter-se-ha como e emquanto convier á Europa».

SANTOS FARINHA.

## Assumptos religiosos



Presepio da antiga Igreja do Rato

### JESUS

N'uma serena tarde memoranda,  
A sua bocca de magoadas linhas  
Disse esta phrase commovente e branda  
«Deixae-as vir a mim as creancinhas...»

E nunca se apagou a vibração  
D'aquelle dôce e caricioso appelo,  
Chega o Natal e as creancinhas vão  
Maravilhadas, a beijal-O e vel-O.

E o bom Jesus, cuja tristeza ingente  
Lhe ensombra no Calvario o rosto fino,  
Para attrahi-las mais suavemente  
Desce da Cruz e torna-se menino...

AUGUSTO GIL.

### Natal dos Pobres

#### AS CREANÇAS RICAS

Somos todos eguaes o Christo assim prégo.  
O homem não ouviu. E n'esse dia então,  
A' miseria e á dôr a fome o arrastou!  
P'ra outros ha alegria e luz e redempção!

Assim, creanças, é bem justo n'este dia,  
Dia de festa, o Dia em que Deus nasceu,  
Que o rico pague ao pobre a dôr em alegria  
Que o rico pague ao pobre o que Jesus lhe deu.

VICENTE ARNOSO.



## Os nossos artistas

### JOSÉ QUEIROZ

**E**STE illustre pintor paisagista, desde que uma alteração visual o privou de continuar a entregar-se ao estudo, cheio de poesia e encanto, da pintura ao ar livre, dedicou-se apaixonadamente ás investigações archeologicas, e muito especialmente á ceramica portuguesa, a qual *sómente a elle* deve não ter ficado esquecida ou considerada como não existente.

## Os nossos artistas



José Queiroz

Entregou-se então José Queiroz a escrever, e, como o instincto de tudo que é Arte era innato n'elle, appareceu-nos escriptor brilhante, vivo e rapido, sabendo avultar a verdade na descripção, e fazendo o com tanta mestria e relevo como nas suas telas (tive occasião de observar) os troncos das arvores avultam fazendo perder-se o fundo, ao longe, n'uma grande extensão.

A sua penna é tão clara quanto consisa, e prefere syntheses a diluir toda a materia que encerram os seus esplendidos livros, e a dar-nos um grosso volume de leitura. Artista, porém, e elegante em tudo, não emprega uma palavra a mais nem a menos para nos dizer aquillo que entende dever interessar. Faz, como elle me disse, sorrindo com bonhomia, «historia patria, não á maneira de alguns escriptores de nome, que a escreveram e viram atravez da sua personalidade, mas como ella deve ser escripta, *como é*, sem atavios e arrebiques que uma brilhante imaginação empresta, mas que, como todas as ficções, não assistem á analyse séria e ponderada do investigador e do estudioso.» A sua linguagem é clara e perceptivel a todos, tendo o maior cuidado em não empregar palavras archaicas que dificultem ou demorem ao leitor a rapida apreensão das ideias por elle concebidas.

Esta noção do artista sobre o que deve ser o escriptor, e sobretudo o historiador, demonstra-nos com nitidez duas raras e não vulgares qualidades em José Queiroz: opulencia de talento e de assumpto. Só os que laboram com grande esforço as ideias ou teem uma antiga e falsa comprehensão do que seja belleza é que as diluem em longos, arredondados periodos, nos quaes muitas vezes se perde o vigor da expressão e o calor e colorido da phrase.

O seu livro sobre *Ceramica* é o unico repositório que ha para a consulta do que esta arte tenha sido ou seja ainda em Portugal. N'elle, e em *Da minha terra: Figuras Gradas*, como agora em *as Olarias do Monte Sinay*, caprichou em fazer edições cuidadissi-

mas, esmeradamente illustradas e artisticas como poucas, como raras, affirmo sem hesitar, que em toda a parte do mundo culto serão admiradas como primores. N'isso demonstra tambem José Queiroz a sua paciente pertinacia tão necessaria á Arte: é elle o seu editor e não descura a mais ligeira minucia em que possa valorisar a belleza artistica das suas invulgares edições. Muito conhecedor, muito modesto, tem uma unica e grande ambição: *ser util ao seu paiz*. Ao contrario do que é corrente, para elle tudo quanto é portuguez tem um subido interesse, e encarecer Portugal, em tudo quanto o possa ser aos olhos dos seus compatriotas e dos estrangeiros, é a missão que mais grata sente.

«A industria, disse-me elle com pena, está quasi toda nas mãos dos revendedores. As nossas fabricas obrigam-se a produzir varios productos sob a condição de lhes não pôrem marcas nacionaes, porque, aos olhos do portuguez, só o que é estrangeiro é que tem valor. E assim se explica como a venda de productos estrangeiros está longe de se harmonisar com o que as pautas alfandegarias accusam ter entrado no paiz. Lembra-me isto, quando o Fontes morava aqui, na calçada do Combro, na casa do José Vianna, um factó occorrido com o Pedro Corrêa, meu padrinho.

«Perguntou-lhe elle como é que as pautas da alfandega accusavam apenas a entrada de 36 cortes de calça, quando toda a gente andava vestida com calças inglezas. O Fontes informou-se e soube como se fazia o milagre. Um outro caso demonstra bem esta accentuada mania nacional por tudo quanto é estranho: Um dia vinha eu em direcção á Avenida, com um dos meus companheiros que muito tem viajado. Eu affirmava a existencia da arte nacional; elle negava-a sem conhecimento de causa mas apenas por espirito de contradicção. Apontou-me, como prova do que dizia, o monumento da praça dos Restauradores. Eu mostrei-lhe os anjos que ornão as frontões erguidos no extremo dos corpos lateraes do palacio Foz.

«— Sim, voltou-me elle, esse que você me aponta foi feito em França; agora, aquelle, que foi feito cá (e indicava o outro) já é uma desgraça!...

«Puro dizer. O apontado frontão era ainda melhor, se é possível, do que o primeiro, e esculpidos ambos, como eu vi e lhe affirmei, no atelier do grande mestre Simões d'Almeida.

«E é assim que se falla e discute tudo! Nem pelas apparencias se julga.

«Quanto a julgar por apparencias, lembra-me um caso curioso. Não me parece que eu tenha o ar de um beato nem o d'um impio, mas já me tomaram por qualquer das cousas.

«E contou.

Mas, como o caso vem nas *Figuras Gradas* sob o titulo de



Prato de faiança, decoração azul e côr de vinho.  
Seculo XVII. Diametro 0,40,5

(O prato acima contem um enigma cuja decifração é:  
*Quina me tem dado amôr e cuidado*)

*Compensações*, que o encima, prefiro transcrevê-lo d'alli. Dá mesmo aos leitores que não conheçam a penna de José Queiroz (ella não está ao alcance de todas as bolsas) o prazer de lhe admirar o estylo.



«A pedido de um meu amigo do Porto (vae fazer bons seis annos), procurei, na sua solarenga vivenda de Lisboa, um homem

duas vezes illustre: pela fidalguia e pela sua obra litteraria.

«Desempenhei-me da missão, e tive o gosto de ver o seu *meio* confortavel e artistico.

«Depois de dar o meu recado e de admirar a pesada e severa bibliotheca — como Galland, o celebre decorador aconselhava ornamentar — onde as raridades documentaes, os pergaminhos illuminados, os codices e as chronicas, disciplinadamente perfilados, esperam as consultas, o nobre escriptor dava-me as boas tardes, entregando-me aos amaveis cuidados da Senhora da casa para me mostrar a capella.

«— Venha, venha vêr; interessa mesmo até áquelles que não são religiosos.

«As pessoas que vivem mais pelo coração que pelo calculo, são em geral, tardias na resposta, e, como essa demora as faz perder a oportunidade, na mór parte dos casos deixam de ter o que se chama o *prazer dos deuzes!*

«A minha vingança não podia ser senão muito attenciosa, porque ás senhoras tudo lhes é devido, mesmo quando se enganam. Mas não pude responder coisa alguma, e entrei na capella, cuja ornamentação se filia no característico estylo D. João V, com as orelhas quentes e a garganta secca, e não me persignei!

«A minha emoção justificava a minha indolencia. Porque era que essa illustre Senhora, que quasi me não conhecia, me tratava como um impio? Eu era incluído de certo na generalidade, era uma das pessoas para quem os santuarios apenas interessam pelo lado artistico! Sim; não havia duvida! E porque não?

«Cumpria eu todas as prescripções da Santa Madre Igreja? Guardava, acaso, os domingos e dias santos, e ouvia todas as missas correspondentes a esses santificados dias? Amava o proximo como a mim mesmo?

«Não!

«Tinha constituido uma familia, como a Santa Lei obriga, para poder dar á Patria quatro rapagões fortes e desembaraçados? Não, com certeza que não! Era um incorrigivel celibatario, um inutil, um homem sem prole, como esteril arvore sem fructo, que apenas occupava espaço na terra! E, á maneira que eu mastigava seccamente estas reflexões, a delicada e crente senhora descrevia os milagres dos santos, a perfeição das esculpturas, a propria e divina coloração dos seus rostos, a riqueza dos estofos, a candura da pomba, que pairava ao cimo do retabulo, sobre o altar, a meiguice do *Agnus Dei*. Exaltava os artistas cujos trabalhos se admiravam — nos bronzes cinzelados das sacras, nas extremidades e no calvario da cruz, d'onde pendia, de uma só peça de marfim, um Christo, admiravelmente esculpido, vertendo das chagas rubis finos, com nimbo e cravos de pedras reluzentes. Indicava-me o bello e delicado ornamento das pilastras, dos capiteis e das molduras, que enquadravam os Evangelistas, telas de Vieira Lusitano. Especializou dentro d'um triptyco de molduras de ebano, tabuas attribuidas a Grão-Vasco, cujas imagens, da Virgem, do Menino Jesus e das santas mulheres genuflectindo, parecem vivificadas, pela correcção do desenho e pela transparencia das tintas. Discretamente, aqui e além, tons quentes d'oiro, em volta das imitações marmoreadas do alizar, e, a encher o espaço, de uma pesada lampada a chama doce e quente, que a refração da vitragem fazia mudar de côr.

«Toda essa resada descripção liturgica eu escutei, com a preocupação do meu atheismo, pisando uma famosa tapeçaria persa, de côres indesejáveis e captivante.

«Quando sahi do rico santuario, tão pouco me lembrei de fazer o signal da cruz! Faltava, pela segunda vez, ao preceito da Fé, havia entrado com impiedade e sahia mal agradecido a Deus.



Prato de faiança, do seculo XVII. Decoração azul e côr de vinho. Diametro 0,37,5



Prato de faiança, do primeiro terço do seculo XVIII. Decoração azul. Diametro 0,37



«Tempos depois, quando me dirigia ao portal da igreja de Santos, fui tomado por beato!

«Os alvaneus que rebocavam a fachada do sagrado templo tomaram-me como um carola e como um homem sem obrigações!



Azulejo do seculo XVII — Azul e côr de vinho

«Levava na mão um pequeno volume em oitavo, encadernado à moda antiga, com distico e filetes doirados, como um livro de orações — dizendo no frontispicio: *Noções historicas, economicas e administrativas, sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do suburbio do Rato, e suas annexas, por José Accurcio das Neves.*

«Os trolhas, assim que me viram, acotovelaram-se, commentando o devoto, preparando a piada...

«Um, que se distanciava do grupo, perguntou para estes:

«—O' Preguiça, viste para ahí o Beato?...

—O homem está bem á vista!...

«D'esta vez, prometti não embatucar e preparei-me para lhes dar o troco.

«Quando ia a transpôr a portada, de cima, um d'elles chamou a minha atenção:

—Agora não ha culto; os santos estão tapados...

«Como parlamentar experimentado em replicas, troquei ao trocista do baileu:

«— Venho vêr o que fizeram os homens e não o que fazem os santos...

«Eis como tão injustamente, eu fui julgado, primeiro como um atheu, depois como *carolissimo* beato e um mandrião!

«E assim se escreve a Historia...»

Não podem, mesmo os *difficéis*, dizer mal da prosa de Queiroz, não é verdade?

José Queiroz desempenha o cargo de Conservador do Museu de Bellas Artes, é socio effectivo da Associação dos Archeologos Portugueses e presidente da sua secção Lisbonense, membro *Del Museo Internazionale delle Ceramiche* em Italia, e unico socio sobrevivente dos fundadores da Sociedade de Bellas Artes e socio, ainda fundador, da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos.

No seu livro a *Ceramica Portuguesa* trabalhou dôze annos consecutivos com afincado interesse, e deu-nos, como já fiz notar, um trabalho digno de causar orgulho a todos os portugueses.

Tive occasião de vêr, no atelier do illustre investigador, varias preciosidades artisticas de estranho valor. E' curiosissimo como do seculo XVI ao XVIII predomina a egualdade entre os azulejos e a louça antigamente attribuida ao *Prado* e agora ás olarias do Monte Sinay de Lisboa. E' curioso como na faiança d'esta epoca pintavam um passarito, voltado ora á esquerda ora á direita, de bico arrogantemente erguido, dando ao corpito uma posição audaciosa, e uns *toques floridos* que lembram margaridas, segundo o proprio artista nota.

N'um dos pontos mais interessantes do seu mais recente livro, recommenda o artista:

«Será bom não olvidar que foi Lisboa nos seculos XVI, XVII e XVIII o centro de todas as negociações com os outros paizes sobre as porcelanas orientaes, que só os nossos navios traziam a este concorridissimo porto.»

Crê, portanto, com muita verosimilhança e plausibilidade, o auctor que a semelhança das louças hespanholas com as nossas se deve attribuir á vinda de pintores hespanhoes para as officinas de Lisboa no principio do seculo XVIII, *no intuito de estudarem a influencia decorativa oriental.*»

Cousas de muito sabor nos ensinam as *Olarias do Monte Sinay*, dando-nos a reprodução magnifica de muitos e notaveis objectos.

Nota-se entre elles o desenho feito á penna pelo artista, de um azulejo do extincto convento denominado *as Francesinhas*, ao centro do qual, sobre uma grande rosa, se destaca um distico com a era de 1691. E' encantador um formoso prato azul e branco, que o livro reproduz na perfeição e que eu tive occasião de comparar e admirar no atelier do artista. No fundo d'esse prato está pintado um enigma que poz muita cabeça a trabalhar e foi afinal decifrado assim:

Quina me tem dado  
Amor e cuidado,

E' um livro este das *Olarias* para se lêr de vagar, porque muito instructivo é, não só para os que se interessam pelo ramo de industria que alli se trata, como para todos aquelles a quem a palavra *Arte* prende e captiva.

Em Maio de 1911 foi o illustre artista encarregado de organizar o Museu de Mafra, o que conseguiu brilhantemente depois d'um extenuante trabalho de dois mezes durante os quaes não teve poucas noites de insomnia.

Em sua casa os olhos não se cansam de vêr nem os ouvidos de ouvir. José Queiroz pertence ao numero d'aquellas pessoas, numero cada vez mais raro, que á primeira vista nos dão immediatamente de si, com uma impressão favoravel, o pensamento de que é um talento desprezencioso e bom, um ser onde se agita um coração dos que ainda se podem chamar portugueses.

Hypolito Raposo diz *que o futuro fará toda a justiça á sua obra.*

Tambem creio. Mas acrescento que ao presente não é ella, nem pode ser, indifferente.

Que o Estado o coadjuve no seu nobre e grande empreendimento, e que o artista possa fazer tornar florescente a sua valiosissima obra, são os nossos sinceros votos.

E' desenvolvendo as industrias que os paizes prosperam. Esta é uma das mais curiosas de todos os tempos.

MARIA O'NEILL.



Azulejos dos meados do seculo XVIII  
Parte de uma figura de um silhar de escada



## CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XVII

## AQUEM E ALÉM-MAR

HA 30 ANNOS

HOJE

COMO eram diferentes dos de hoje a sociedade, a vida, os costumes, que ha 30 annos eu vim encontrar no Rio de Janeiro!

A politica e o Governo eram dirigidos por um bahiano de valor, de largas ideas de estadista, de rijo pulso parlamentar: o Barão de Cotegipe. Acima, porém, de todos os nomes, de todos os vultos em fóco, pairava: o Imperador.

A colonia portugueza era nesse tempo um rebanho guiado por um pastor. Esse pastor era o velho Conde de S. Salvador de Mattosinhos, vulgarmente conhecido pela alcunha d'O *Rebenta Cabrestos*. O poder desse homem não tinha limites, como em prestigio não havia entre os portuguezes quem rivalisasse com elle. Tovar de Lemos era aqui o nosso ministro e o nosso consul o Visconde de Wildick. Questões suscitadas na colonia portugueza, em que estas autoridades houvessem de intervir, nunca eram resolvidas sem consulta prévia ao Conde de Mattosinhos.

As grandes subscrições, de centenas de contos, com que nesse tempo a colonia acudia aos infortunios de Portugal, eram por elle iniciadas e organisadas, mas de que forma? O Conselheiro João José dos Reis, mais tarde Conde de S. Salvador de Mattosinhos e grã-cruz da Conceição, por mercê do Rei de Portugal, como fóra agraciado com condecorações brasileiras pelo Imperador D. Pedro, que o tinha em grande estima, chamava um dos seus empregados, no Banco Commercial ou em alguma das companhias que dirigia, e dizia-lhe: «Sente-se.» E a seguir: «Agora puxe um bocado de papel e bote lá: Fulano, esse póde dar um conto, bote: 1:000.000; Beltrano, esse, coitado não lhe vão bem os negocios, bote só: 200.000; Sicrano, esse vae de vento em pópa, bote 2:000.000» — e assim por diante. Completada a lista, chamava o cobrador e dizia-lhe: «Vá recolher essas quantias.» Pois essas quantias marcadas por elle eram letras que nenhum deixava de pagar. A somma era pelo primeiro vapor mandada para Portugal, onde não raro tinha um destino bem diverso daquelle que tão fundo fizera vibrar o patriotismo e pôr em acção a influencia do Conde de Mattosinhos.

Outra prova dessa força nunca excedida, nem igualada: João José dos Reis empenhou-se para fazer parte da direcção de um banco um amigo seu. Foram desrespeitadas as suas indicações e o seu protegido ficou na eleição da assembléa geral *flambé*. Qual foi a desforra tirada pelo protector? Rapida e simples. Fundou uma companhia só para installar na direcção, em melhores condições, o homem que havia appellado para o seu valimento e que elle queria servir. Essa companhia é a «Confiança», de seguros, que ainda existe, e de cuja direcção faz parte outro portuguez distincto, o Sr. Commendador José Antonio da Silva.

Seria um nunca acabar se eu me propozesse a enumerar aqui as variadas demonstrações do prestigio do Conde de Mattosinhos que nos ultimos annos da vida começou a vel-o um pouco abalado, pelo advento de outros portuguezes, que como Joaquim Ramalho Ortigão, e Lemos, traziam, para o seu campo de actividade, um lastro mais solido de illustração...

\*  
\*  
\*

Os litteratos e jornalistas em voga, nessa epoca, reuniam-se todos na livraria do Faro, mais tarde Visconde de Faro e Oliveira, que veiu a morrer em Lisboa, já engrandecido pelas magnanimidades do Conde de Mayrink, que sabia ser amigo com ninguem, e que se comprazia em associar ás suas vastas empresas e incorporações bancarias aquelles que o eram, e que enriqueceram de um momento para o outro, como o Conde do Alto Mearim, que deveu a essa fortuna ser par do reino em Portugal, e o Visconde de Faro, que fez construir para sua residencia, num dos

pittorescos morros de Lisboa, um dos mais lindos predios que existem naquella cidade.

Quantas vezes me encontrei nessa loja de livros com os que então pontificavam no jornalismo e nas letras! Estabelecimento modesto e ao mesmo tempo grandioso, porque era o quartel-general dos intellectuaes! Machado de Assis — o Mestre já consagrado; o Dr. Araujo — jornalista até á raiz dos cabellos, o primeiro que trouxe para o artigo politico, no Rio, a subtileza da argumentação parisiense, o grande director da *Gazeta de Noticias*, e Henrique Chaves, o primeiro entre os seus companheiros de trabalho, e Joaquim Serra, cujo espirito vivo e agudo quando não illuminava mordida, e Quintino Bocayuva, que tinha já nesse tempo o glorioso cognome de «Principe do jornalismo», e Mucio Teixeira, em pleno vigor da sua Musa fecunda, e Escragnolle Taunay, cujos livros escriptos na nossa lingua ou na franceza, accusam a mesma arte e a mesma pureza de linguagem, e Paula Ney, cujas excentricidades de poeta corriam parelhas com as de bohemio, e Lopes Trovão, que até a conversa com amigos aquecia ao fogo tribunicio, e Luiz d'Andrade, que dirigia então um jornal, e que fóra em Coimbra o grande amigo e condiscipulo de Guerra Junqueiro, um dos dois a quem o poeta dedicára a «Musa em férias» — o outro é o Dr. Bernardino Machado.

Estes nomes, estas figuras, estas palestras litterarias, de onde sahiram poemas, romances, innovações, escolas, reformas, tenhos-os, assim evocados pela memoria, bem presentes no espirito. A minha mocidade já baptisada pelas letras, cheia de esperanças, embalada por illusões, dava-se bem naquelle meio. Luiz Guimarães, que foi Secretario da Legação e Ministro do Brasil em Portugal, o meu inolvidavel amigo, apadrinhara o meu nome fazendo publicar em varios jornaes do Brasil, com palavras que lhes explicavam a origem, os versos com que eu em Lisboa acompanhára a offerta de um rouxinol. Elle mostrava-me o desejo ardente de possuir um desses pequeninos, maviosos e inspirados cantores da natureza. Nessa occasião o poeta acabava de perder sua esposa, D. Cecilia Guimarães, e nem na musa, que lhe evocava a memoria sagrada, conseguia afogar essa dôr inconsolavel. Estes foram os versos que com o rouxinol lhe offereci, e que apezar de terem cabellos brancos, porque já trinta annos correram sobre elles, não vêm fóra de proposito como evocação desse tempo:

## POETAS...

Vae, imita-lhe o estro, ó ave pequenina  
E afoguem-me depois  
Em ondas de harmonia,  
Que ha de ser uma estranha e intima alegria  
A gente ver os dois  
Cantarem á porfia  
Uma canção divina.

Conta-lhe do teu seio os jubilos sagrados  
Que sentiste ao rasgar na embriaguez do amor  
Horizontes azues, bosques illimitados,  
Vibra-lhe em cada nota e dá-lhe em cada trillo,  
Para encantar-lhe a alma e encher-lh'a de fulgor,  
A casta irradiação do teu viver tranquillo.

Dize-lhe quanto amaste  
Quando co'a tua noiva estavas longas horas  
Pousado na mesma haste!  
E quando, ao viajar por selvas e collinas,  
Entoavas glorioso o hosanna das auroras,  
Batendo febrilmente as azas pequeninas.  
Emfim, dize-lhe como, ó doce rouxinol,  
Ao mirares-te na agua — o crystalino espelho —  
Vinha beijar-te o sol,  
O teu irmão mais velho

Ouve-lhe então a historia apaixonada,  
Em que a lagrima ardente e a gargalhada  
Se confundem na tela,  
Em que a paixão é como um lago inerte  
Que de subito ás vezes se converte  
Num mar que se encapella



Talvez elle te faça o confidente  
Da ternura vastissima que sente  
Uma alma sempre inquieta,  
Talvez te mostre o doido tumultuar  
Das paixões que se cruzam neste mar  
O coração de um poeta.

Cantaste-lhe o segredo das florestas  
E a hora sensual das mórnas séstas  
Ao lado da tua amante,  
Disseste-lhe trinando uma epopéa  
Que fez pulsar-lhe o sangue em cada veia  
Mais que as de Homero e Dante;

E se elle só em troca quizer dar-te  
Uma saudade que lhe afogue a arte  
Em lagrimas de dôr,  
Dissipa-lhe essa noite de tristeza,  
E, poeta da luz, da natureza,  
Torna a cantar-lhe o amor...

Luiz Guimarães fazendo espalhar estes versos pela imprensa do seu paiz e o popularissimo actor Xisto Bahia recitando em varios theatros do Brasil, durante épocas successivas, aquelles que eu aqui compuzera, cujo assumpto fôra bebido no noticiario dos jornaes do Rio, que relatavam o facto sensacional de ter uma miserá escrava encontrado abandonada a uma porta uma creança branca, a qual cuidou, sustentou, educou e protegeu, trouxeram ao meu nome essa gloriola com que a mocidade sonha. Começavam assim esses versos

..... Vendiam-n'a; era escrava  
Nunca para ella a natureza ria,  
E ao sol, nas horas tórridas do dia,  
Sob o açoite gemia e trabalhava.

Eram estas as ultimas estrophes:

«A escola, a escola!  
Da instrucção que eu não tive ha de elle ter a esmola.»  
E mandou-o ensinar. Quanto, porém, ganhava,  
Não chegava p'ra os dois. Então a velha escrava

Disse: «ninguem me quer, já para nada valho,  
Do meu braço o valor gastei-o no trabalho,  
E os annos e o cansaço as forças me consomem;  
De fome vou morrer... mas delle fiz um homem».

Inda tentou reagir.  
Com o fardo precioso os brancos quizer servir.  
Mas quem podia lá tomar este empecilho,  
Uma escrava, uma negra inutil, carregada  
De um peso que de mais a mais não é seu filho!  
E era de porta em porta a velha regeitada.

Olhando o céu tranquillo:  
«Resta-me inda bater ás portas de um asylo  
Onde o meu orphãosinho encontre abrigo e amparo,  
E agora que cheguei ao fim da estrada páro,  
E vou morrer contente ao ver que a sociedade  
Acceita á escravidão lições de liberdade».

A criança ahi está, bella, feliz, risonha,  
Branca, ás vezes da escrava abraça o negro seio.  
E eu, pessimista e máo, nesses momentos creio  
Que a civilisação não cõra de vergonha.

Mal diria eu então que trinta annos depois, já devorados pelos vermes muitos daquelles que admirei, quasi todos aquelles com quem convivi, eu estaria hoje, na mais formosa arteria da cidade transformada, aqui, em plena redacção do jornal que numa collaboraço nunca interrompida ha 19 annos acompanho, eu estaria a avivar tantas lembranças de um passado saudoso! Dellas me fica ainda felizmente emoção bastante para mais uma vez saudar o glorioso anniversario do *Jornal do Brasil*. Glorioso, de certo, porque nem ha melhor qualificativo que possa ser applicavel aos 19 annos de existencia de um jornal que sempre teve em mira os interesses, as aspiraçoes, o bem-estar do povo: que fez das suas columnas de letra redonda columnas de combate pelos bons principios, pela liberdade, pela religião, pela defesa dos opprimidos, pela patria.

Rio—Novembro, 1913.

JAYME VICTOR.

## Os acontecimentos de 27 de Abril



O regresso dos presos políticos que estavam no castello de Angra do Heroismo—Soldados prisioneiros desembarcando na praia da Trafaria  
(Phot. de ...)





Os acontecimentos de 27 de Abril—Regresso dos presos políticos que estavam em Angra do Heroísmo—O tenente Pimentel, o capitão Lima Dias, o capitão de mar e guerra Soares de Andrea e o dr. Lomelino de Freitas.

## Quadros de Historia Nacional

### A MORTE DE VIRIATO

**A**INDA que a historia de Portugal, meus jovens leitores, começa unicamente no dia em que, separando-se da Hespanha christã, este pequeno paiz tratou de formar uma nacionalidade independente, não podemos deixar de contar no numero das nossas glorias as que illuminaram em tempos anteriores os homens que habitavam n'este canto do Occidente, porque os Lusitanos são nossos antepassados directos, constituem o fundo da nossa raça, e é bom que vejamos e notemos que houve sempre n'esta região, e nas raças que a habitaram, uma tendencia tão notavel para a autonomia, que já então os Lusitanos se distinguiram tenazmente dos outros povos da península. Percorram a historia da Hespanha romana; o que encontram? Uma grande multidão de povos, que todos se confundem debaixo da denominação collectiva de Hespanhoes. Ha dois apenas que logo adquirem na historia uma individualidade propria: são os Lusitanos no Occidente e os Cantabros no Norte. São esses povos os que ainda hoje mantêm um a sua autonomia completa, outro a sua autonomia relativa: Portugal e as Vascongadas. Porque succede assim? Os Vasconsos parecem pertencer a uma raça diversa da dos outros povos da península, mas os Lusitanos não. E' porque apertados entre as montanhas e o mar, educados nas asperezas dos fragedos, e nos perigos e agruras das costas, adquiriram cedo uma tempera mais rija. Percorram effectivamente os juvenis leitores, a quem estes artigos são especialmente destinados, a historia da resistencia da Hespanha ao dominio romano, o que encontram? Os Lusitanos, os Lusitanos sempre.

Só o nome de Numancia é que resplandece ao lado dos nomes, das victorias e das batalhas lusitanas. Pois resistiram os Celtiberos, resistiram tambem a Turdetanos. Folheiem comtudo a *Historia de Hespanha*, de Charles Romey, que consagra largos capitulos á narrativa da resistencia da península a Roma. Quaes são os dois nomes que dominam nas luctas? o de Viriato e o de Sertorio, dois chefes de Lusitanos. Quaes são os povos que mais séria resistencia oppõem a Cesar nas suas estreias de general? Os Lusitanos ainda, os habitantes do Herminio, os habitantes da serra da Estrela. Não lhes parece que ha umas taes ou quaes semelhanças entre estes factos da historia antiga e os da historia quasi contemporanea? Numancia não lhes traz á memoria Saragoça e Wellington Sertorio? Mas não se trata agora d'esse

famoso Romano, restrinjamo-nos ao assumpto especial do nosso quadro historico: a morte de Viriato.

Muitas vezes se tem dito que é uma honra para Portugal começar a historia da monarchia com esse feito sublime de lealdade, que o nome de Egas Moniz a todos de certo lhes recorda. Pois não é menos honroso para o nosso paiz o facto de ser um modelo de lealdade o primeiro filho d'esta nobre terra, que ascende á vida historica e entra no Pantheon da immortalidade. Sabem quem era Viriato? Um pastor, um simples pastor da região que hoje tem o nome de Beira, nem outra coisa podia ser, porque os Lusitanos então eram simplesmente pastores ou pouco mais, uns quasi selvagens, entrados apenas no primeiro periodo da civilisação. Era um pastor e um caçador, que percorria de venabulo em punho as fragas do Herminio, da nevosa serra da Estrela, que erguia então no meio da luxuriante natureza, que até então quasi que não fóra profanada pela mão do homem, a sua cabeça toucada de neves e de arvoredos, de reconditos lagos, e de fontes d'onde brotavam, borbullhando, os rios que iam banhar a planicie. Já então os Lusitanos andavam, como os outros povos da Hespanha, em lucta aberta com os romanos, lucta em que não podiam deixar de ser inferiores; pouco podiam contra a disciplina dos civilizados exercitos da grande republica o valor e a audacia dos nossos antepassados. Mas, como se ainda isso não bastasse aos generaes de Roma, desejosos de exterminar mais depressa a intrepida resistencia, recorreram á traição. Galba, depois de ter submettido os Lusitanos, e de lhes ter permittido que se disper-

sassem, mandou-os degolar á falsa fé. Era a maior de todas as loucuras. As grandes iniquidades são a semente dos grandes heroismos. Nasce da oppressão cruel, perfida e injusta, a furia da resistencia. N'este caso fez mais ainda, suscitou um grande homem.

A colera e a indignação fizeram sahir Viriato das fileiras dos seus compatriotas e irmãos de armas, e levaram-n'o a agrupal-os em torno de si para a vingança e para a lucta. Tinha o joven montanhez todas as qualidades que indigitam em povos semi-barbaros, um homem para o commando. Era agil e sobrio, astucioso e tenaz. Conta-se que, quando casou, emquanto no festim de nupcias os seus companheiros e amigos se fartavam de comida e de bebida, elle, perfeitamente sobrio, montava a cavallo, sentava sua mulher na garupa, e levava-a, a todo o galope, para a sua tenda de guerreiro, porque devia, companheira futura da sua existencia, costumar-se desde logo a partilhar todos os desconmodos e todos os perigos da sua vida de combates.

Não lhes contarei, meus jovens amigos, a lucta sustentada por Viriato contra os Romanos, as suas victorias successivas junto de Evora, junto de Vizeu, e em muitos outros pontos, a



Os acontecimentos de 27 de Abril—Regresso dos presos políticos que estavam em Angra do Heroísmo—O general Fausto Guedes e o capitão Lima Dias. (Phot. de ...)



sua entrada triumphal nas outras provincias de Hespanha, o terror que se apoderou de Roma quando alli se soube que parecia ter surgido no Occidente um novo Annibal. Basta que lhes diga que os Romanos se viram obrigados a sollicitar a paz, que Viriato lh'a concedeu, justa e generosa, que Roma não quiz ratificá-la, humilhada por ver os seus pretores aos pés de um guerrilheiro, que um novo general, Cepião, marchou contra Viriato, e, atravessando o rio Minho, começou a assollar os campos, e a praticar os actos mais violentos de hostilidade. Viriato, sereno e justiceiro, mandou simplesmente perguntar-lhe qual era o motivo d'essa infracção da fé jurada. E o astuto Romano, o homem civilisado, o filho d'essa republica orgulhosa que dava leis ao mundo, em vez de lhe responder, seduziu-lhe, comprou-lhe os enviados. Voltando ao

acampamento alta noite, procuraram Viriato na sua tenda com o pretexto de lhe irem levar a resposta que elle esperava. Dormia o valente Lusitano, e não acordou mais do somno descuidoso, porque o assassinarão vilmente os seus proprios emissarios. Como o sol rompe do seio da noite e no seio da noite vai de novo immergir-se, assim o genio de Viriato rompêra das sombras da traição, nas sombras da traição se apagára tambem. Essa vergonha de Roma é para nós uma gloria nacional. O primeiro antepassado nosso, que entra na immortalidade, entra com a fronte pura e sem mancha, com a reputação, que os seus proprios adversarios nos transmittiram, porque é só pelos historiadores romanos que a conhecemos, de ter sido justo e bom, intrepido e leal.

PINHEIRO CHAGAS.

## THEATROS

### THEATRO DA REPUBLICA — "O Papá"



1.º acto  
(Brazão e Ferreira da Silva)

(Phot. de ...)

## PENSAMENTOS

A minha vida ensinou-me que tenho muito a esquecer e muito que me perdoarem.

BISMARCK.

O desejo de falar de nós mesmos e de apresentar os nossos defeitos sob o aspecto que mais nos convém, constitue o fundo da nossa sinceridade.

ROCHEFOUCAULD.

«A minha opinião, diz Herodoto, é que o Nilo trasborda no verão, porque no inverno o sol, impellido pelas tempestades da sua carreira usual, sóbe ás regiões mais altas do ar, acima da Lybia». Muita gente sorrirá da encantadora simplicidade do historiador, e

contudo continuará dogmatisando a respeito de assumptos sobre os quaes não possui nem mesmo a informação precisa para se apoiar ao arriscar uma conjectura.

ARTUR HELPS.

A nação patriotica, sã, profunda, virilmente patriotica, — essa, por menor que seja, não desaparecerá.

JOAQUIM NABUCO.

O que nos une solidariamente na humanidade é o soffrimento. Elle é a fonte do amor, da religião e da arte.

GRAÇA ARANHA.

As mulheres ou tudo vêem ou nada, conforme a disposição da sua alma; o amor é a sua unica luz.

BALZAC.



**THEATRO POLYTHEAMA — “O Toureador”***Ultimo acto***D. EMILIA SOUSA COSTA**

E' uma das mais infatigaveis e intelligentes senhoras do nosso meio intellectual. Muito modesta e muito culta, tendo uma nitida

compreensão do papel da mulher dentro do lar, é para elle que vive e n'elle que emprega todo o seu carinhoso disvelo. Honra com a sua collaboração jornalística varios periodicos da provincia sob o pseudonymo de *Dolores de Sousa* e ainda ha pouco traduziu do hespanhol a *Adaga* de Blasco Ibanez, apparecida com o seu nome,

**THEATRO DA AVENIDA — “Maridos Alegres”***Ultimo acto*

(Almeida Cruz, Etelvina Serra, Palmira Bastos e José Ricardo)

(Fot. de ...)



mas ha muito que prestava o conhecimento que tem de varias linguas a tornar apreciadas pelo povo portuguez as obras de varios mestres.

Com faculdades creadoras para poder fazer obra sua, prefere viver na sombra e fazer admirar as alheias.

### Escriptoras portuguezas



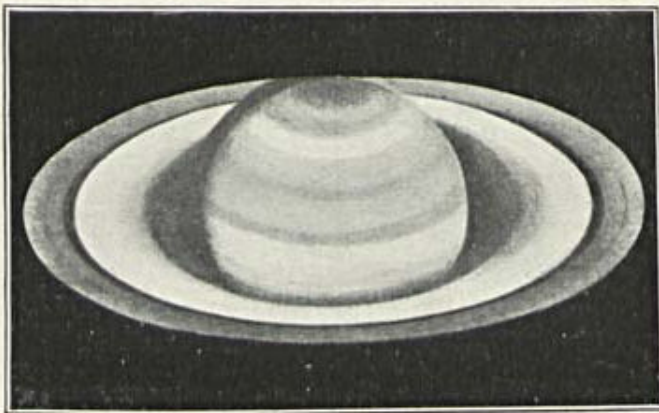
D. Emilia Sousa Costa

Interessando-se immensamente pelo estudo das creanças do seu sexo e pela orientação a dar-lhes na vida, é a presidente da Caixa de Auxilios a Estudantes Pobres, logar em que tem prestado relevantes serviços.

Falla com extrema facilidade e ainda o anno passado fez uma interessante conferencia por occasião da abertura d'uma das escolas João de Deus.

Pode apresentar-se a todas as mulheres portuguezas como um raro exemplo de energia e de trabalho, digno de ser seguido.

### ASTRONOMIA



O planeta Saturno

Saturno é, como se sabe, um planeta 735 vezes maior que a Terra, o qual executa a sua translação em volta do Sol em 30 annos e a rotação em torno do respectivo eixo em 10 horas e 29 minutos. É circumdado, por modo característico, por tres «anneis» largos, situados no plano do seu equador.

A gravura acima mostra nitidamente um dos aspectos de Saturno obtido por meio de esplendidas photographias tiradas modernamente.

### HISTORIA NATURAL



Um parque de criação de avestruzes

A avestruz, tão apreciada pelas suas magnificas pennas, que tão largas applicações teem, desapareceu do norte da Africa, encontrando-se ainda, porém, no centro d'aquelle continente. Em vista da lucrativa utilidade industrial d'aquellas aves, estabeleceram-se na Colonia do Cabo parques de criação que deram optimo resultado, emprehendimento que foi ultimamente imitado pelos francezes tanto em Madagascar como na Africa septentrional.

A photographura junta representa um aspecto do local a que nos referimos e onde se faz em larga escala a criação de avestruzes, na Tunizia.

### ANECDOTAS

Um antigo rei de Hespanha mandou como embaixador a uma corte estrangeira um fidalgo muito novo, para felicitar o monarcha a proposito não sei de quê. O rei, notando a pouca idade do embaixador, disse-lhe:

— Vejo que não abundam a vosso amo os servidores, porque tem de servir-se até dos que não teem barba.

O altivo hespanhol embespinhou-se e redarguiu:

— Se meu amo soubesse que vossa magestade aquilatava o merito pela barba, ter-lhe-hia enviado um bode, e não um fidalgo como eu!

Um pobre camponio foi para tirar um dente, e o dentista incumbiu a operação ao aprendiz. Este, pouco pratico, arrancou tres dentes ao desgraçado, que principiou a dar por paus e por pedras.

— Cale-se, homem, cale-se! — disse-lhe o desastrado aprendiz. Se o mestre o ouve, faz-lhe pagar os tres dentes!

O camponio achou prudente calar-se.

Um sujeito, que era cego d'um olho, encontrando logo pela manhã um corcovado, disse-lhe:

— Ainda agora rompeu o dia e vaes já carregado d'essa maneira!

— Effectivamente, deve ser cêdo, porque ainda não abriste senão uma janella!

Um amo, desgostoso com o mau serviço do criado, disse-lhe um dia, deante d'alguns amigos:

— Vae-te d'aqui! E's o rei dos tolos!

— Rei! — respondeu o criado, muito amavel. — Prouvera a Deus que eu fosse o que o patrão diz, porque então seria V. S.<sup>a</sup> o primeiro personagem da minha corte!

Todos riram da ingenuidade do parvalhão.

Filippe IV, de Hespanha, tomou o nome de Grande, depois de perder o reino de Portugal. O duque de Medina-Cæli, dizia a esse respeito:

— O nosso rei é como os buracos: cada vez que perde terreno torna-se maior.